

## SOBRE O INÍCIO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ EM CURITIBA-PR...

Marcus Roberto de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto buscará discorrer sobre o início da inserção alemã no Paraná. Os conhecimentos trazidos pelos primeiros imigrantes germânicos na primeira metade do século XIX, bem como seus posicionamentos sociais, nortearão tal propósito. Assim, a opção por um estudo de caso figura como significativamente viável. Nesse sentido, a cena migratória em Curitiba-PR será ilustrada a seguir, enfatizando os primeiros imigrantes alemães que chegaram à capital paranaense. A chegada dos alemães em Curitiba transformou a cidade, e tal mudança não foi planejada pelo governo imperial. O pioneiro chamava-se Miguel Müller, chegando à capital paranaense em 1833.

**Palavras-chave:** Imigração alemã; Capitais sociais; Alemães em Curitiba; Miguel Müller

## ABOUT THE BEGINNING OF GERMAN IMMIGRATION IN CURITIBA-PR...

**Abstract:** This text will seek to discuss the beginning of the German insertion in Paraná. The knowledge brought by the first German immigrants in the first half of the 19th century, as well as their social positions, will guide this purpose. Thus, the option for a case study appears as significantly viable. In this sense, the immigration scene in Curitiba-PR will be illustrated below, emphasizing the first German immigrants who arrived in the capital of Paraná. The arrival of the Germans in Curitiba transformed the city, and this change was not planned by the imperial government. The pioneer was called Miguel Müller, arriving in the capital of Paraná in 1833.

**Keywords:** 1) German immigration; 2) Social capitals; 3) Germans in Curitiba; 4) Miguel Müller

### Introdução

Quando a corte portuguesa se alojou definitivamente no Brasil em 1808, a questão acerca de uma política migratória passou a integrar a agenda das autoridades lusitanas. Nesses trâmites, “os não portugueses receberam a permissão de emigrar ao Brasil, além de adquirir terras brasileiras”. Assim, a imigração europeia para o Brasil objetivava o povoamento de regiões de baixa densidade

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisador do Núcleo de Estudos Paranaenses (NEP). Endereço eletrônico: [mr\\_olivei@yahoo.com.br](mailto:mr_olivei@yahoo.com.br)

populacional (em especial no sul do país), o desenvolvimento da agricultura voltada ao “mercado interno” e a substituição da “mão de obra escrava” (SANTOS, 2010, p. 8).

Num contexto de “Revolução Industrial” e “transformações culturais promovidas pelo desenvolvimento de uma mentalidade individualista.” (NADALIN, 2001, p. 62), o conjunto de tais iniciativas fundamentava o “‘branqueamento’ da população brasileira” (SANTOS, 2010, p. 8). Nessa lógica, a “introdução do imigrante branco, livre, pacífico e trabalhador” foi compreendida como imprescindível para “ajudar a apurar e ‘tonificar’ – leia-se branquear – tanto a ‘raça’ brasileira como o trabalho<sup>2</sup>” (NADALIN, 2001, p. 74), visto que os negros e mestiços eram considerados “criaturas propensas à vadiagem e sem habilidade para o trabalho livre.” (RENK, 2004, p. 35-36). Além disso, as autoridades brasileiras buscavam apresentar “uma imagem positiva” do país junto à comunidade europeia, “pois havia a intenção de trazer trabalhadores mais aptos que o trabalhador nacional ao regime livre que se consolidaria com o fim da escravidão” (SANTOS, 2010, p. 17).

Os recrutamentos dos imigrantes para o Brasil apresentavam distinções conforme demandas regionais. “Enquanto o recrutamento de imigrantes para trabalhar nos latifúndios de café era o objetivo dos fazendeiros paulistas” (*Idem*, p. 12), no sul do Brasil a intensão residiu em conquistar e manter territórios, por meio do povoamento de “áreas de florestas próximas a vales de rios” (IBGE, 2007, [s/p]).

O Paraná figura como um exemplo bem ilustrativo desse recrutamento sulista. Após sua emancipação política

[...] em praticamente todos os relatórios dos presidentes da província enviados à Assembleia provincial, encontram-se menções favoráveis à colonização por imigrantes. [...] O primeiro presidente da província, Zacarias Góes (1815-1877), enumerou algumas das vantagens da colonização por imigrantes: cultivo de alimentos (considerado como uma alternativa econômica à tradicional pesca), catequização dos indígenas e a introdução de população estrangeira “laboriosa” (OLIVEIRA, 2012, p. 177-178).

Neste contexto, a imigração alemã mereceu significativo destaque, sendo “uma imigração organizada que iniciou primeiro e predominou até a década de 70 do século XIX” (GREGORY, 2013, p. 26).

---

<sup>2</sup> “[...] esperava-se que os imigrantes europeus introduzissem no país novas e produtivas técnicas agrícolas, ensinando-as aos habitantes da terra, junto com as virtudes do trabalho” (SANTOS, 2010, p. 9).

### A predileção por imigrantes alemães

[...] se justificaria, num primeiro momento da imigração, pelo estado de guerra em que se encontrava Portugal em relação a outros países europeus. Além disso, o casamento da princesa Leopoldina, de origem germânica, com o Imperador D. Pedro I iria intensificar a corrente migratória para o país, pois despertaria na Europa o interesse pelo Brasil (SANTOS, 2010, p. 17).

Juntamente com essas questões, a política imigratória “não restringia o uso da língua materna e proibia a perseguição religiosa, desde que a religião oficial fosse respeitada”. Tal institucionalidade, “facilitava a entrada de imigrantes alemães luteranos, que puderam manter sua fé” (RENK, 2004, p. 34).

Diante de tal panorama, o presente texto buscará discorrer sobre o início da inserção alemã no Paraná. Os conhecimentos trazidos pelos primeiros imigrantes germânicos na primeira metade do século XIX, bem como seus posicionamentos sociais, nortearão tal propósito. Assim, a opção por um estudo de caso figura como significativamente viável. Nesse sentido, a cena imigratória em Curitiba-PR<sup>3</sup> será ilustrada a seguir, enfatizando os primeiros imigrantes alemães que chegaram à capital paranaense.

A vinda dos alemães à região sul do Brasil “esteve estreitamente vinculada ao processo de colonização baseado na pequena propriedade” (SANTOS, 2010, p. 18). No entanto, nem “todos os imigrantes alemães que vieram para o Brasil foram ou se tornaram proprietários de terras na ocasião de sua chegada” (IBGE, 2017, [s/p]). Uma boa parte deles já desenvolvia “técnicas relacionadas com o comércio ou a indústria, na Alemanha. Ao chegar ao Brasil, especialmente em Curitiba<sup>4</sup>, também passaram a desenvolver estas atividades urbanas<sup>5</sup>” (RANZI, 1996 apud RENK, 2004, p. 59-60).

A chegada dos alemães em Curitiba transformou a cidade “num dos núcleos mais importantes da imigração alemã no Brasil”; sendo tal mudança nada planejada pelo “governo imperial, grande

---

<sup>3</sup> “A espacialidade urbana de Curitiba foi (e ainda é) bastante marcada pela presença de imigrantes que contribuíram para a transformação da paisagem e costumes. [...] Embora já na primeira metade do século XIX, reimigrantes alemães da Província de Santa Catarina estabelecessem-se, espontaneamente, nos arredores da cidade, a implementação de uma política imigratória efetiva só ocorreu com a criação da Província do Paraná (1853)” (SANTOS, 2010, p. 20-21).

<sup>4</sup> “Em Curitiba, os imigrantes alemães começaram a chegar, em maior número, a partir de 1833, e influenciaram fortemente a cultura e a economia local. Muitos casarões, alguns ainda existentes no bairro de São Francisco, foram construídos por alemães” (GUIA GEOGRÁFICO CULTURA EM CURITIBA, [s/d], [s/p]).

<sup>5</sup> “Diante do fracasso dos projetos de colonização decorrente do isolamento dos colonos e pelas dificuldades em escoar a produção (as estradas da Província apresentavam condições precárias), ‘o governo provincial procurou implementar um projeto agrícola, que ficou conhecido como ‘cinturão verde’, cujo objetivo era estimular a produção agrícola em locais mais próximos aos centros urbanos’” (BOSCHILIA, 2008, apud SANTOS, 2010, p. 21).

incentivador da imigração como forma de ocupação dos espaços vazios existentes no país, no início do século XIX”. Os primeiros alemães que rumaram ao sul do Brasil seguiram “embarcados no veleiro alemão Charlotte Louise, em 30 de junho de 1828”, eram naturais da “cidade de Trier<sup>6</sup>, fundada por romanos comandados pelo imperador Augusto” (MILAN, 2012) e se destinaram à “região de Rio Negro, onde já existia um pequeno povoado com o nome de ‘Capella da Estrada da Matta’” (LOSS, 2015, [s/p]).

Em “6 de fevereiro de 1829, data consagrada a fundação de Rio Negro”, uma parte dos imigrantes alemães que já possuíam conhecimentos relacionados às atividades urbanas (especificamente, comércio e pequena indústria) enfrentaram “muitas dificuldades de adaptação”. Remigraram à “Curitiba inúmeras famílias entre 1830 e 1840<sup>7</sup>” (*Idem*).

O pioneiro chamava-se Miguel Müller, chegando à capital paranaense “em 1833” (MILAN, 2012).

Miguel Müller



Foto: Paulo José da Costa

---

<sup>6</sup> “Trier fica no Vale do Mosel e foi fundada pelo imperador romano Augusto em 16 AC como Augusta Treverorum. Mas a área foi ocupada pelos celtas muitos séculos antes dos romanos chegarem. Trier se tornou a residência preferida de vários imperadores romanos, inclusive Constantino, o Grande, o primeiro imperador cristão. Quando o poder dos romanos acabou, os francos tomaram a cidade em 459 DC” (POR QUE NÃO? TRAVELS, 2012, [s/p]).

<sup>7</sup> “O mesmo problema ocorria nas colônias de Santa Catarina, entre elas Dona Francisca, hoje Joinville, e muitos imigrantes alemães acabaram convergindo para a capital paranaense, após 1850, via São Bento do Sul” (LOSS, 2015, [s/p]).

Miguel Müller era natural da cidade de “Detzen, na Rheinland-Pfalz (Renania-Palatinado-Prússia), localizada às margens do [...] Vale do Mosel” (A SAGA DOS MÜLLER, 2014 a, [s/p]) e foi

[...] o quarto dos oito filhos que Phillip Müller e esposa trouxeram da Alemanha. Casado com Anna Krantz, Miguel Alemão, como era chamado, participou ativamente da vida social e política da cidade, auferindo grandes lucros em sua ferraria e transformando-os em investimentos em forma de terrenos nas imediações da Igreja Matriz (LOSS, 2015, [s/p]).

Primeiramente, Miguel “[...] e a esposa, Anna Krantz Müller (uma das 50 mulheres pioneiras do Paraná) foram atuar na agricultura e deram início ao que seria, no futuro, o cinturão verde da Capital paranaense” (A SAGA DOS MÜLLER, 2014, [s/p]). Nessa trajetória foi atribuído a Miguel o pioneirismo no plantio de batatas inglesas “em solo curitibano” (COSTA, 2017, [s/p]).

Com “profundos conhecimentos na arte da ferraria” (A SAGA DOS MÜLLER, 2014 a, [s/p]), posteriormente Miguel se notabilizou nessa atividade. “Quando D. Pedro II esteve em Curitiba fez questão de visitar a ferraria dos Müller<sup>8</sup>” (*Idem*, 2014, [s/p]), reconhecendo Miguel como próspero empresário (*Ibidem*, 2014 a, [s/p]). Fundada entre 1835 e 1836, a “Ferraria de Miguel [...] foi a primeira de Curitiba” (*Ibidem*, 2014, [s/p]).

Naquele contexto, “Miguel Müller se tornou um dos maiores proprietários de imóveis da cidade” (COSTA, 2017, [s/p]). Tendo construído diversas casas, destaque para “[...] a maior delas, na esquina das ruas Carlos Cavalcanti e Barão de Cerro Azul, servindo como moradia ao primeiro presidente da província, o conselheiro imperial Zacharias de Góes e Vasconcellos” (LOSS, 2015, [s/p]).

Assim Miguel Müller ultrapassou fronteiras sociais! Diante de tal dinâmica, é possível observar nas fronteiras sociais, processos de construção, estabilização e transgressão, que estão sistematicamente interligados conforme as situações e orientações dos agentes sociais, bem como as suas “experiências educativas” junto “aos contextos variáveis” que os circunscrevem (LABACHE; SAINT-MARTIN, 2008, p. 335). Nesse raciocínio:

---

<sup>8</sup> “[...] Sua fama e prestígio na Província eram tão grandes que foi visitado em sua ferraria pelo imperador D. Pedro II, quando de sua viagem ao Paraná em maio de 1880” (LOSS, 2015, [s/p]).

As fronteiras sociais desempenham, às vezes, o papel de uma “muralha” que protege de riscos, e, noutras vezes, representam um “fosso” a ser transposto em busca de escapatória. Cada fronteira atravessada marca as histórias familiares em um sentido positivo (de promoção) para uns e, negativo (de desclassificação) para outros. Assim, as fronteiras representam as linhas que os membros de cada família experimentaram, em conjunto ou individualmente, em sua travessia no espaço social (SAINT-MARTIN *et al*, 2008, p. 136).

É verossímil sustentar que o “processo definidor de fronteiras sociais é o desfecho das lutas e conflitos pela classificação social (*classement*) e contra a desclassificação (*déclassement*)” (BOURDIEU, 1979, *apud*, LABACHE; SAINT-MARTIN, 2008, p. 335). Ao abordarmos processualmente esse fenômeno, destacando a dimensão simbólica dos processos de construção, percepção e pertencimento das fronteiras, podemos “observar as antigas desigualdades ‘em ação’, e as novas desigualdades ‘em construção’” (SAINT-MARTIN *et al*, 2008, p. 136).

Em tal compreensão, a questão familiar é crucial (BOURDIEU, 1996). Nesse quesito, Miguel Müller e Anna Krantz Müller tiveram seis filhos: Catharina Müller Guilau, Francisca de Paula Müller Caillot, Maria da Luz Müller Pletz, Felipe Müller, Nicolau Müller e José Mathias Müller (GENI, 2018, [s/p]). Entre os filhos de Miguel, destacam-se Nicolau e José Mathias<sup>9</sup>.

O curitibano Nicolau Müller decidiu se alistar no exército brasileiro na conjuntura da guerra do Paraguai (1864-1870). Na época, “todos tentavam dissuadi-lo da ideia”. No entanto, Miguel “fez questão de apoiá-lo”, ressaltando que Nicolau, sendo brasileiro, tinha o dever de “ajudar a sua Pátria”. Nessa empreitada, Nicolau acabou sendo morto na batalha de Tuiuti<sup>10</sup> (COSTA, 2017, [s/p]).

Já José Mathias Müller, que também seguiu carreira militar, teve um destino distinto do irmão. Natural de Curitiba, nascido em 26 de junho de 1835, José Mathias exerceu os cargos de “Tenente coronel; Deputado provincial [1872/73, 82/83, 86/87]; Promotor público da comarca de Campo Largo [1886]; vereador em Curitiba”. Foi “[...] casado com Adelaide de Azevedo Muller, [...] irmã do capitão

---

<sup>9</sup> Até o momento, as informações referentes à Anna Krantz Müller, Catharina Müller Guilau, Francisca de Paula Müller Caillot, Maria da Luz Müller Pletz e Felipe Müller encontram-se um tanto imprecisas. Por exemplo, no caso de Catharina, aparece uma irmã homônima de Miguel Müller (A SAGA DOS MÜLLER, 2016, [s/p]). Assim, prevaleceu a decisão de apenas citar seus nomes, no intuito de evitar colocações equivocadas.

<sup>10</sup> “A Batalha de Tuiuti travou-se a 24 de Maio de 1866 nos pântanos circundantes do lago Tuiuti, em território do Paraguai. É considerada pelos historiadores militares como uma das mais importantes batalhas da Guerra da Tríplice Aliança, a maior e mais sangrenta travada na história da América do Sul” (DIÁRIO UNIVERSAL, [s/d], [s/p]).

Francisco Pinto de Azevedo Portugal Filho; filha de Francisco Pinto de Azevedo Portugal” (ALVES, 2014, p. 412).

José Mathias Müller



Foto: Renato Müller Lima Torres

Militante do Partido “Conservador”, detentor do título “Cavalheiro da Ordem da Rosa” (*Idem*), José Mathias foi

Pai do tenente coronel Francisco de Azevedo Miller (nasc. em 1864, casado com Lucia de Loyola), do tenente Herminio Miller, oficial da brigada de Polícia do Rio, e de José de Azevedo Miller (negociante em Curitiba), e sogro dos srs. coronéis Joaquim Pereira de Macedo, prefeito municipal de Curitiba [1908/1912], e de João Soares Neiva de Lima, diretor da colônia militar do Iguassú; (*Ibidem*).

As trajetórias de Miguel e José Mathias envolvendo agricultura, comércio, prestação de serviços, carreiras militares e cargos políticos são exemplos da mobilidade social desses imigrantes em Curitiba. O prestígio da ferraria de Miguel foi a porta de entrada aos círculos do poder e, conseqüentemente, para sua prosperidade financeira no setor imobiliário de Curitiba. Além dos imóveis da região central, Miguel também “possuía uma chácara no Bairro Ahú onde hoje está instalada a Ordem dos Advogados do Brasil” (A SAGA DOS MÜLLER, 2016, [s/p]).

No caso de José Mathias Müller, suas patentes militares e seus cargos legislativos e judiciários indicam a sua qualidade de herdeiro do prestígio social de Miguel. Tal atributo torna-se evidente pelo matrimônio estabelecido com Adelaide de Azevedo Muller. Por sua vez, Adelaide era herdeira da

tradicional família política Azevedo Portugal (PEREIRA; OLIVEIRA, 2017, p. 240). Amores e paixões à parte, tal união também pode ser compreendida como uma significativa junção de tradicionais forças políticas paranaenses.

É possível identificar que Miguel e José Mathias detinham importantes recursos mobilizadores, que podem ser denominados de capitais (MATOS, 2009). Nesse raciocínio cabe destacar os capitais de tipo: profissional, econômico, político e familiar. No entanto, tais recursos seguem uma complexa lógica de aquisição, transmissão e conversão de capitais. Assim, as *trocas intergeracionais* emergem enquanto realidades relevantes e chamam atenção para a importância das *relações familiares*<sup>11</sup> numa definição flexível de classe social. Nessa compreensão, o sentimento de pertencer a uma classe social é uma situação em que fronteiras, objetivas e subjetivas, externas e internas, são demarcadas, sendo que tal contorno está intimamente ligado às trajetórias e às experiências de conservação e/ou ruptura por parte das famílias envolvidas.

O provável brasão da família Müller



Imagem: Renato Müller Lima Torres

---

<sup>11</sup> “Para compreender como a família passa de uma ficção nominal a grupo real, cujos membros estão unidos por intensos laços afetivos, e preciso levar em conta todo o trabalho simbólico e prático que tende a transformar a obrigação de amar em disposição amorosa e a dotar cada um dos membros da família de um "espírito de família" gerador de devotamentos, de generosidades, de solidariedades (ele se expressa tanto nas inúmeras trocas comuns e continuadas da vida cotidiana, trocas de dádivas, de serviços, de ajuda, de visitas, de atenções, de gentilezas etc., quanto nas trocas extraordinárias e solenes das festas familiares - frequentemente sancionadas e eternizadas por fotografias que consagram a integração da família reunida)” (BOURDIEU, 1996, p. 129-130).

O fenômeno das trocas intergeracionais remete à questão da herança (ALMEIDA *et al.*, 2015). Assim, os capitais repassados de “pai para filho” (em circunstâncias que revelam trajetórias fiadas por desejos de consolidação ou interrupção) oportunizam o que a autora define como iniciativas de *reconversões*; as quais, para além da posse de recursos, estão diretamente ligadas às posições das famílias no espaço social (SAINT-MARTIN, 1995). A referida conclusão proporciona uma reflexão sobre a significativa importância dos grupos familiares na manutenção e reprodução do exercício do poder. Uma vez que, os diversos tipos de capitais (econômicos, sociais, simbólicos) disponíveis aos grupos dirigentes são herdados e desigualmente estabelecidos em decursos de longa duração.

De um modo geral, “o comércio, a indústria e as profissões diversificaram-se com a chegada dos imigrantes alemães, que repetiam em terra nova e em menor escala”, os legados das revoluções (“comercial e industrial”) europeias (LOSS, 2015, [s/p]). Assim, ao longo do século XIX, a comunidade teuto-brasileira consolidava-se localmente:

A participação das comunidades de imigrantes alemães nas atividades comerciais e sociais da cidade (Curitiba) tornou-se realidade já na segunda metade do século XIX. À diferença de outros grupos, os alemães chegavam principalmente da região de Joinville (SC), em caso clássico de reemigração. Analisando o período de 1869 a 1889, [...] 22,2% do “comércio geral” estavam em mãos de imigrantes alemães e seus descendentes, contra 5,8% em mãos de imigrantes italianos, embora os luso-brasileiros detivessem 65,6% desse tipo de comércio. No setor de “padaria/lanchonetes/restaurantes”, 33,3% estavam em mãos de alemães. No setor de “açougue e derivados de carne”, os alemães detinham 50% dos estabelecimentos. Enfim, no setor de “ferragens e latoaria”, 45% dos estabelecimentos estavam em mãos de alemães e descendentes contra apenas 25% em mãos de luso-brasileiros. Esses dados são relevantes, sobretudo quando se sabe que a comunidade alemã não representava mais que 10% da população total (OLIVEIRA, 2012, p. 185-186).

Diante de tal panorama, no intuito de “consolidar, também no Brasil, o sentimento de germanidade (Deutschtum)” (*Idem*, p. 188), “os imigrantes organizaram-se em sociedades teuto-brasileiras, como o Clube Concórdia, Clube Rio Branco, Duque de Caxias, Clube Thalia e o Graciosa Country Club<sup>12</sup>” (GUIA GEOGRÁFICO CULTURA EM CURITIBA, [s/d], [s/p]). Assim, a “presença

---

<sup>12</sup> “O forte poder associativo da comunidade alemã encontra expressão ainda no número de associações – Sociedade Thalia (1882), Club Concórdia (1883), Grêmio Lyrio do Vale (1895) – de clubes esportivos – Sociedade de Ginástica Teuto-Brasileira (1883), a Sociedade dos Atiradores Alemães (1888), Clube de Ciclistas (1895) ou o Sport Club Germânia (1896) – de comunidades religiosas – Comunidade Evangélica Luterana (1901), Comunidade Evangélica de Curitiba (1906), Comunidade Católica de Curitiba (1901) – ou ainda de associações diversas como Associação Agrícola Teuto-Brasileira (1897), a Sociedade dos Professores Teuto-Brasileiros (1906) e a Associação Alemã dos Camaradas de Campanha (1906). Finalmente, a imprensa em língua alemã havia se desenvolvido bastante nos três estados da região sul do Brasil. Dentre os setenta jornais em língua estrangeira recensados em 1912 no Anuário Estatístico, o Paraná aparece com nove, sendo seis em polonês e dois em alemão, a saber: Der Beobachter, (O Observador), trissemanário fundado em 1889 e Der Kompass (A Bússola) (1909-1939)” (OLIVEIRA, 2012, p. 187).

de descendentes de alemães nas diversas áreas sociais” revela uma importante “extensão das relações de sociabilidade e o grau de integração no conjunto da sociedade curitibana” (OLIVEIRA, 2012, p. 195)

## Referências

A SAGA DOS MÜLLER. “Ferraria de Miguel Müller”. Curitiba, 2014. Disponível em <[https://www.facebook.com/permalink.php?id=548268028532080&story\\_fbid=488237414618017](https://www.facebook.com/permalink.php?id=548268028532080&story_fbid=488237414618017)>. Acesso em: 17/09/2017.

A SAGA DOS MÜLLER. “Miguel (Alemão) Müller, completou 203 anos de ‘vida’. Parabéns trisavô...”. Curitiba, 2014 a. Disponível em: <[https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=898929986799214&id=548268028532080](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=898929986799214&id=548268028532080)>. Acesso em 18/09/2017.

A SAGA DOS MÜLLER. “Pequena genealogia dos Müller”. Curitiba, 2016. Disponível em: <[https://m.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=1642008019158070&id=548268028532080](https://m.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1642008019158070&id=548268028532080)>. Acesso em: 20/09/2017.

A SAGA DOS MÜLLER. “O brasão provável dos Müller”. Curitiba, 2016 a. Disponível em: <<https://m.facebook.com/548268028532080/photos/pcb.1642008019158070/1642002532491952/?type=3&source=48>>. Acesso em: 20/06/2018.

ALMEIDA, A. M. F.; PEROSA, G. S.; ERNICA, M. “Contribuição para uma história de ‘Os herdeiros’ – Entrevista com Monique de Saint-Martin”. **Educação e Sociedade**. Campinas, UNICAMP, 2015, jan/mar, vol. 36, nº 130, p. 181-194.

ALVES, A. C. **A província do Paraná (1853-1889)**. A classe política. A parentela no governo. 495 f. Tese, Doutorado em Sociologia – Linha Instituições e Poder, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes / Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

COSTA, P. J. “Os primeiros alemães em Curitiba”. Curitiba, 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10209784266795095&set=gm.928827687282430&type=3&theater&ifg=1>>. Acesso em: 28/05/2018.

DIÁRIO UNIVERSAL. “A Batalha de Tuiuti”. [s/l], [s/d]. Disponível em: <<https://www.diario-universal.com/arquivo/aconteceu/a-batalha-de-tuiuti/>>. Acesso em: 20/06/2018.

GENI. “Miguel Müller”. [s/l], 2018. Disponível em: <<https://www.geni.com/people/Miguel-M%C3%BCller/6000000018145410626>>. Acesso em 18/09/2017.

- GENI. “José Mathias Müller”. [s/l], 2018 a. Disponível em: <<https://www.geni.com/people/Jos%C3%A9-Mathias-M%C3%BCller/6000000018145235882>>; acesso em 20/06/2018.
- GREGORY, V. “Imigração alemã no Brasil”. **Cadernos Adenauer**. Rio de Janeiro, KAS, 2013, ano XIV, edição especial, pp. 9-27.
- GUIA GEOGRÁFICO CULTURA EM CURITIBA. “A Imigração Alemã em Curitiba”. Curitiba, [s/d]. Disponível em: <<http://www.cultura-arte.com/curitiba/cultura-alema.htm>>. Acesso em: 17/09/2017.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. “Os imigrantes alemães no Brasil”. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/alemaes/os-imigrantes-alemaes-no-brasil.html>>. Acesso em: 06/09/2017.
- LABACHE, L.; SAINT-MARTIN, M. “Fronteiras, trajetórias e experiências de ruptura”. **Educação e Sociedade**. Campinas, UNICAMP, 2008, mai/ago, vol. 29, nº 103, p. 333-354.
- LOSS, M. E. “Imigração alemã no Paraná”. Curitiba, 2015. Disponível em: <<http://www.alteheimat.com.br/wp/pesquisa/imigracao-alema-no-parana/>>. Acesso em: 06/09/2017.
- MATOS, H. **Capital social e comunicação**: interfaces e articulações. São Paulo: Summus, 2009.
- MILAN, P. “Uma longa viagem dos alemães até o Paraná”. Curitiba, 2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/uma-longa-viagem-dos-alemaes-ate-o-parana-34t4gs8oy6ldg6py2si87y4pa>>. Acesso em: 07/09/2017.
- NADALIN, S. **Paraná: ocupação do território, população e migração**. Curitiba: SEED, 2001.
- OLIVEIRA, M. “A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante a Primeira Guerra Mundial, uma análise da imprensa local”. **Cadernos CERU**. São Paulo, USP, 2012, série 2, v. 23, n. 2, dez, pp. 175-202.
- PEREIRA, F. M.; OLIVEIRA, M. R. “Estruturas familiares na Prefeitura Municipal de Curitiba: uma prosopografia do secretariado de primeiro escalão do governo de Rafael Greca de Macedo no início de 2017”. **Revista NEP**. Curitiba, UFPR, 2017, v.3, n.1, p. 238-267.
- POR QUE NÃO? TRAVELS. “Trier: a cidade mais antiga da Alemanha!”. [s/l], 2012. Disponível em: <<http://www.porquenaotravels.com/2012/03/trier-alemanha.html>>. Acesso em: 26/09/2017.
- RENK, V. E. **A educação dos imigrantes alemães católicos de Curitiba**. Curitiba: Champagnat, 2004.
- SAINT-MARTIN, M. “Reconversões e reestruturações das elites: o caso da aristocracia francesa”. **Análise Social**. Lisboa, ULisboa, 1995, vol xxx, nº 134, p. 1023-1039.



SAINT-MARTIN, M. “Da reprodução às recomposições das elites: as elites administrativas, econômicas e políticas na França”. **TOMO**. Aracaju, UFS, 2008, jul/dez, nº 13, p. 43-73.

ROCHA, D.C.; HEREDIA, M. “Trocas intergeracionais e fronteiras sociais na França”. **Tempo Social**. São Paulo, USP, 2008, jun, vol 20, nº 1, p. 135-162.

SANTOS, E. M. L. **A vida social e cultural dos imigrantes alemães em Curitiba e a política do Estado Novo (1937-1945)**. 69 p. Trabalho de Conclusão de Curso, Pós Graduação em História Cultural da Faculdade de Ciências, Letras e Artes / Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2010.

*Recebido em:* 11 nov. 2021.

*Aceito em:* 30 nov. 2021.